

Afetos de pai: representações na literatura infanto-juvenil

Ana Paula Sefton¹

Resumo

O artigo tem como propósito articular identidades paternas e literatura infanto-juvenil, sob o viés da afetividade e cuidado relacionadas aos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, a partir, prioritariamente, dos conceitos de paternidade, masculinidade, gênero, representação. Frente à finalidade de desestabilizar as identidades paternas apresentadas e construídas através dos discursos literários, foi delimitada uma amostra de quatro livros infanto-juvenis como objetos passíveis da presente investigação. De que maneira a figura paterna é representada nos livros em relação à afetividade? Como o exercício da paternidade é significado pelos personagens nos discursos da literatura infanto-juvenil? Tais questões são o mote para o debate atribuído neste espaço. As obras foram definidas por apresentarem representações de afeto e de cuidado na relação entre pais e filhos/as e as investigações foram embasadas nos discursos sobre paternidade através de texto e imagens contidos nos livros. Destacam-se nas tramas: momentos de atenção e intimidade entre pai e filha; pai que cria as filhas enquanto a mãe está ausente; pai que é responsável por momentos cotidianos do filho; figura masculina que vai em busca de como se tornar pai. Por outro lado, vestígios de representações de paternidade embasados em um ideal de maternidade são encontrados. Ou seria a busca do pai por um caminho de desejar e de cuidar da prole? Marcas sexistas de masculinidade e de paternidade por vezes se mesclam com expectativas e ações do universo feminino e maternal. Além disso, algumas rupturas são encontradas, como a figura feminina demonstrando ter conhecimento e as rédeas da situação para ajudar a figura masculina a se tornar pai. Frente às possibilidades de identidades masculinas e paternas e a heterogeneidade de cada sujeito com suas diferentes identidades, foi significativo problematizar os processos de construções das mesmas a partir das representações contidas nos livros infanto-juvenis.

Palavras-chave: paternidade, gênero, discurso, literatura infanto-juvenil

Father's affection: representations in children's literature

Abstract

The article aims to articulate male paternal identities and children's Literature under the perspective of affection and care between fathers and children. Related to the fields of Gender

¹ Ana Paula Sefton, é graduada em Pedagogia, Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Com experiência de mais de oito anos, atuou como professora de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Coordenadora Pedagógica em escolas de Porto Alegre, RS. Sefton.ana@gmail.com

Textura	Canoas	n.21-22	p.3-13	2010
---------	--------	---------	--------	------

Studies and Cultural Studies, primarily we used the concepts of fatherhood, masculinity, gender and representation. Facing the purpose of destabilizing the paternal identities presented and constructed through literary discourses, was chosen a sample of four children's books as the subject of this investigation. How does the father figure is represented in books regarding affectivity? As the exercise of fatherhood is signified by the references in the discourses of children's literature? These questions underlie the discussion in this article. The books were defined for presenting representations of affection and care in the relationship between male parents and children. In addition, the investigation was based in discourse about fatherhood through text and image representations from the books. Notable in the stories: moments of care and closeness between father and daughter, father establishing his daughters while the mother is absent; father who is responsible for daily moments the child; masculine figure who works in search of how to become a father. Moreover, aspects of fatherhood based on solid an ideal of motherhood are found. Or is the search path for a male parent wishing and care for their children? Sexist tags of masculinity and fatherhood sometimes mingle with expectations and shares of female and maternal universe. Likewise, some disruption of that discourse is found, as the female figure showing knowledge and having control of the situation to help the male figure to become a father. Facing the possibilities of men's and fathers' identities and the heterogeneity of each person with their different identities, was significant problematize the processes of that construction of the representations contained in children's books.

Keywords: fatherhood - gender - discourse - children's literature

Este artigo² tem como propósito articular identidades paternas e literatura infanto-juvenil, sob o viés da afetividade e cuidado relacionadas aos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, a partir prioritariamente dos conceitos de paternidade, masculinidade, gênero, representação. Para essa finalidade foi delimitada uma amostra de quatro livros infanto-juvenis como objetos passíveis de investigação.

Tais representações integram o *corpus* deste estudo na medida em que proponho o movimento de desestabilizar as identidades paternas apresentadas e construídas através dos discursos literários. Representações são entendidas aqui como as formas pelas quais nós nomeamos e apresentamos os outros, a nós mesmos, as instituições e outros espaços sociais. Assim, articulo as representações de paternidade com as Pedagogias Culturais, compreendendo as mesmas como uma forma de educação produzida em outras instâncias

² Este artigo foi apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero: Gênero e Preconceitos, realizado em Santa Catarina, 2006. Teve inspiração na Dissertação de Mestrado, intitulada "Pai é de uso diário? – representações de paternidade na literatura infanto-juvenil", defendida em 2006 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na Dissertação foram analisadas 34 obras infanto-juvenis sobre a temática de paternidade, gênero e sexualidade. O presente artigo apresenta o recorte analítico através de quatro livros, do agrupamento maior de obras infanto-juvenis analisadas. Foi atualizado em 2010 para publicação.

sociais além da escola, através de artefatos culturais como os livros, a mídia impressa e televisiva, por exemplo (STEINBERG, 1997).

Elegi os livros de literatura infanto-juvenil como objeto de pesquisa pela sua forte presença nas escolas e lares. Os livros são importantes artefatos culturais e, no Brasil, desde 1980, vêm reforçando seu lugar junto a crianças, professores/as e familiares, como um veiculador pedagógico, que ensina, dentre outros aspectos, o ‘certo e o errado’, o ‘bom e o mau’, os modos de ser ‘menino e menina’, de ser ‘pai e mãe’.

Em decorrência dos estudos e das constantes inquietações acerca do material empírico, surgiram as seguintes questões: De que maneira a figura paterna é representada nos livros em relação à afetividade? Como o exercício da paternidade é significado pelos personagens nos discursos da literatura infanto-juvenil?

DELIMITANDO CAMINHOS

Para analisar tais questões é importante entender gênero como constituinte das identidades dos sujeitos que vão se construindo através dos discursos e das relações sociais, bem como no cruzamento com outras identidades. Dessa forma, ser homem e ser mulher depende das compreensões e subjetivações de cada indivíduo na articulação com o social. Além disso, levando-se em consideração o caráter social do feminino e do masculino, é necessário ressaltar as distintas sociedades e os momentos históricos que estão sendo tratados (LOURO, 1998).

As masculinidades são uma construção social que se institui a partir das relações de gênero. A masculinidade hegemônica para uma dada cultura é construída em relação a outras possibilidades de exercício da masculinidade e também em relação às mulheres. No caso da cultura ocidental e, mais especificamente, na cultura brasileira, o homem branco, cristão, de classe média, heterossexual, bem sucedido profissionalmente, ‘capaz’ de gerar e manter uma família, um homem que demonstre segurança, proteção e confiança, é veiculado como ‘modelo’ social.

Falar de paternidade, em vista disso, é circular por um complexo processo de discursos sobre o tema, presentes em diversas instâncias sociais e que fazem parte de um ‘dever-ser’, através do qual o indivíduo busca identificar suas ações e as identidades que possui (ou as que almeja possuir). Vale lembrar que as formas de paternidade, assim como quaisquer outras

identidades, são passíveis de modificações a partir das representações e interpelações produzidas pelos sistemas culturais que nos rodeiam.

A Literatura Infanto-juvenil, por sua vez, é entendida como uma prática cultural construída socialmente e que, dessa forma, vem se transformando, criando outras configurações, desde o entendimento de ‘o que é literatura’ até o aprimoramento da mesma em seu caráter mercadológico e consumista. Rosa Hessel Silveira (2002), em seu estudo sobre literatura, afirma que os livros endereçados a crianças e a adolescentes, no mercado brasileiro, experimentaram um significativo desenvolvimento com o intuito de resolver o ‘problema’ da escassa leitura desse público. Incentivados a tomar o gosto pela leitura, crianças e adolescentes, bem como familiares e profissionais envolvidos, puderam verificar uma mudança advinda das editoras, ao desenvolver ações para aumento de venda desse tipo de literatura. Essas práticas são formas de atrair atenções dos envolvidos com a educação, sobretudo as escolas, importantes consumidoras desse produto.

Além disso, a partir da segunda metade do século XX, segundo apontam os trabalhos de Jane Felipe (1999; 2000; 2003) e de Alice Gabriel (2003), as crianças passaram a ser percebidas como consumidoras em potencial, surgindo uma gama de possibilidades de compra, a partir daquilo que se entende por ‘mundo’ infantil – brinquedos, jogos, roupas e acessórios, livros, entre outros. Cada vez mais este público vem tendo ‘autonomia’³ para escolher o que comprar e/ou participando do momento da compra, como pode ser percebido na maioria das propagandas atuais, enquanto há algumas décadas, as propagandas eram dirigidas aos pais, mães ou responsáveis. Essa participação efetiva das crianças e jovens nas decisões de compra e como destinatários revela a criança como um ser de direitos, uma vez que as infâncias e juventudes vão sendo construídas conforme os ideais culturais e temporais.

OS DOIS SE ABRAÇARAM FORTE: DOS AFETOS E CUIDADOS DE PAI

São apresentados quatro livros infanto-juvenis para análise: *Pai que é mãe* (1993); *O pai que era mãe* (2001); *Você não consegue dormir, ursinho?*

³ Entende-se autonomia como uma *autonomia de consumo*, uma liberdade regulada que disponibiliza às crianças o poder de compra, ou ao menos, do que poderá ser comprado.

(1996); *O urso que queria ser pai* (1996). Foram determinados como objetos de investigação a partir do foco em paternidade, afeto e cuidado.

No primeiro livro encontramos o pai cuidando da filha em uma situação especial: a primeira menstruação da menina. O livro *Pai que é mãe*, de Fanny Abramovich (1993), é uma narrativa contada pelos personagens da história: pai (Rogério), duas filhas (Regina e Carla). A mãe das crianças viajou atrás de um romance e deixou as meninas pré-adolescentes morando com o pai. A Regina chama o pai para ver o que está acontecendo, porque na sua calcinha tem sangue. Percebe-se o afeto deste pai com suas filhas e o quanto agiu de forma carinhosa ao acolher a apreensão da filha. O pai reflete:

Percebi que não estava preparado para o que vivi hoje. Minha filha, com quase treze anos e eu disfarçando, adiando, sem estar a postos para a sua primeira menstruação. Quase morri de sem jeito, de vergonha. (...) Não sabia explicar, tive que apelar para a tia, a professora e a avó. Sou um incompetente. Mas sou homem... Não é desculpa. Tinha que ter me preparado melhor para este dia. (ABRAMOVICH, 2003, p. 36).

Nesse trecho o pai se mostra pensativo em relação à sua condição masculina, pois pensa em sua atitude enquanto figura masculina e paterna, sobretudo quando conclui que o fato de ser homem não significa que tivesse que recorrer a uma figura feminina para lidar com a situação e, sim, ter se preparado para esse momento com sua filha. Esse cuidado atribuído ao pai demonstra uma ruptura de discurso por ressaltar o contato do homem/pai com o corpo da filha, ou seja, a atenção dele busca envolver todos os momentos com as filhas. Elizabete Cruz, ao analisar o cuidado de crianças feito por homens em creches, problematiza:

Na generalização do “masculino”, aprisiona-se o homem numa categorização que exclui a possibilidade de um homem diferente e, quando essa se apresenta [...] há uma suspeita quanto a sua identidade masculina. Por outro lado, supostamente a articulação entre três dimensões mulher/mãe/educadora faz do feminino o gênero que controla sua sexualidade, e o mesmo não ocorre com o homem/pai/educador que, pela ausência de domínio sobre sua sexualidade, potencialmente é capaz de cometer o abuso sexual (1998:245).

Outro livro, de enredo semelhante, intitula-se *O pai que era mãe*, de Ruy Castro (2001), trazendo a narrativa em terceira pessoa de um pai separado que passa a morar com duas filhas porque a mãe viajou para viver um novo

amor. Além de momentos da rotina diária, aparecem as implicâncias das filhas em relação às namoradas do pai. No final da história, o pai casa-se novamente, a mãe retorna de sua viagem e as filhas passam a morar com a mãe, visitando o pai com frequência. Sobre a relação do pai com as filhas (Patrícia e Beatriz), o pai fala:

Sabem aquelas pequenas delícias que tornam inesquecível a convivência de um pai com suas filhas? [...] Patrícia fazendo gargarejos com Coca-cola na presença das visitas. Beatriz enfiando feijões nos ouvidos. Noites em claro velando a bronquite de uma ou de outra (...) Ele abrindo o enorme livro que estava lendo (...) e encontrando um gibi do Pato Donald enfiado dentro dele por Patrícia. O Chicabon derretido que Beatriz deixou cair no banco do carro um segundo antes que ele sentasse. Ele largando pela metade o filme (...) para ir buscar Patrícia numa festa (...) Puxa, ele queria tudo isso de novo (...) Enquanto roncavam os motores do avião que levaria sua ex-mulher para longe e talvez por muito tempo, ele pegou as duas filhas pela mão, gritou “Shazam!” e jurou para si mesmo que, ali, começava uma vida nova. Ele seria essa coisa rara: um pai descasado – heróico, atento e amoroso (CASTRO, 2001).

A partir desse recorte é possível pensar no quanto a paternidade, para muitos homens, pode ser algo vangloriado nos detalhes corriqueiros. O pai estava muito feliz e decidido sobre como ele viveria a paternidade daquele momento em diante: ‘heróico, atento e amoroso’, mesmo que seja até chegar o final da trama e as crianças voltarem a morar com a mãe. A figura paterna é apresentada como um pai que deseja estar com as filhas e valoriza o que para os outros não necessariamente faça parte do exercício da paternidade. Ele percebe que tem impressões diferentes das percepções de muitos outros pais e deseja todos esses momentos com suas duas filhas.

Os próprios títulos desses dois últimos livros sugerem que as características do pai não poderiam ser atribuídas à paternidade e, sim, atribuídas à maternidade e o pai/homem vale-se dessas atribuições para vivenciar o dia-a-dia com suas filhas. O pai era/é mãe, ele ‘não’ era/é um pai zeloso e cuidadoso, era/é um pai que agia/age como uma mãe, ou seja, exercia/exerce funções ditas maternas. O que se vê ultimamente é um espaço para essas novas configurações da paternidade atribuindo ao pai também o direito e o desejo de ser o cuidador da sua prole, mesmo não sendo, no caso desses livros, uma escolha primária deles em criar as filhas enquanto as mães foram buscar novos sentidos para suas vidas.

O terceiro livro, escrito por Martin Waddell, proveniente da Inglaterra e datado de 1996, é uma narrativa na terceira pessoa e traz animais (ursos) como personagens. *Você não consegue dormir, ursinho?* trata da dificuldade do ursinho em dormir. Embora o livro não utilize os termos pai e filho, a trama sugere essa relação, por usar o termo aumentativo e diminutivo. Ursão tenta ler um livro, mas é constantemente interrompido com o chamado do filhote, pois o medo do escuro não passa. Cada vez que o pai se dirige ao quarto do filho leva uma luminária um pouco maior do que a que havia antes no local, achando que assim o filho irá adormecer e ele poderá continuar com sua leitura. Uma das compreensões possíveis é que não exatamente era medo o sentimento do ursinho e, sim, o desejo de que o pai ficasse junto a ele naquele momento. E o Ursão, não entendendo ou não querendo se dispensar de sua leitura, buscava solucionar o problema levando-lhe cada vez mais luz. No final, Ursão rende-se à situação, pega o filhote no colo e sai na escuridão da noite, em busca da luz do luar:

-Aii! Estou com medo – disse Ursinho, agarrando-se em Ursão.
Ursão ergueu Ursinho e abraçou-o, dizendo: - Olha para o escuro, Ursinho. E Ursinho olhou.
-Eu lhe trouxe a lua, Ursinho – disse Ursão – A grande lua brilhante e todas as estrelas cintilantes.
Mas Ursinho não disse nada, pois tinha adormecido, são e salvo, nos braços de Ursão. Ursão carregou Ursinho, dormindo profundamente, de volta para a Caverna dos Ursos, e sentou-se confortavelmente na Poltrona de Urso, ao lado da lareira, com Ursinho num dos braços e o Livro de Urso no outro. (WADDELL, 1996).

Nesse trecho se pode perceber o quanto o afeto entre pai e filho é solicitado de uma forma mais presente pelo filho, enquanto para o pai, o cuidado inicialmente estava em preparar o ambiente para o filhote conseguir dormir. Somente quando o pai se fez presente de fato ao ursinho, passando-lhe segurança e proteção, é que o mesmo adormeceu em seus braços. Assim, a figura paterna cristaliza-se por 'ideais' tradicionais e masculinos, como ser grande (Ursão), forte, protetor do Ursinho (indefeso e necessitado de segurança). Essas alusões também podem ser percebidas com a “Poltrona de Urso”, o que nos remete à ‘Poltrona do Papai’, bastante utilizada em culturas Ocidentais, como uma das demarcações das práticas paternas no campo doméstico: estar nessa poltrona (lendo ou assistindo televisão) sugere não ser incomodado após um dia cansativo de trabalho.

O que é passível de destaque nesse recorte é a circulação do personagem pai entre aquilo que se entende por ‘coisas masculinas’ e ‘coisas femininas’, ou seja, se tem, nesse caso, as fronteiras menos fixas. Se, por um lado o pai é forte e protetor, por outro, é também ele que dá afeto e cuida, uma vez que ele exerce todas as funções relacionadas ao filho. Sandra Unbehaum problematiza as funções paternas e maternas definidas de forma fixa ao apontar:

Na medida em que ocorre a flexibilização de papéis por parte de um dos gêneros, pode haver reestruturação por parte daqueles que pertencem ao outro gênero, demandando não só uma renegociação de espaços de poder como também uma reorganização na identidade (1998:246).

No caso desse livro, o pai (sozinho) demonstra ser bastante atencioso, paciente e acolhedor com o filhote, atendendo-o todas as vezes que o chama, conversando e procurando resolver o ‘problema’. Nesse sentido, percebemos rupturas com uma visão ‘tradicional’ de paternidade, somadas ao fato de somente pai e filhote morarem na casa. Em nenhum momento há referência de uma figura feminina/materna na trama; é o pai que brinca, cuida, põe para dormir, atende no meio da noite, leva para passear, acalenta o ursinho e provavelmente se responsabiliza pelas outras funções cotidianas. A casa parece bem aconchegante e organizada. Destaca-se o quanto a ‘Caverna dos Ursos’ é um lar aconchegante e ‘saudável’, sob os aspectos familiares de bem-estar da ‘criança’, mostrando como ‘os pais também sabem cuidar dos filhos’.

O quarto livro, *O urso que queria ser pai*, de Wolf Erlbrush (1996), é uma narrativa inglesa em terceira pessoa. Após hibernar por todo o inverno, o urso acorda na primavera com fome e sai da toca. Após se alimentar, tem uma idéia: “se tivesse um filhinho... Puxa, que pai grande e forte ele seria!”. Após pensar bastante e sem saber o que seria preciso fazer para virar pai de um ursinho, o urso gritou, falou com vários animais e a cada explicação realizava uma tentativa, a fim de ter um filho; até tentar chocar ovo o urso tentou. Foi quando uma ursa lhe perguntou se ele estava com vontade de ter um filho e o convidou: “Se você quiser vir comigo um pouco, na próxima primavera podemos estar com uns filhotinhos muito lindos”. A trama termina com o urso e a ursa indo passear.

Nesse livro são apresentadas várias ideias para o urso ter um filho, mas nenhuma efetiva. O assunto é tratado de forma velada até o final da trama, com o passeio do urso e da ursa. Assim é possível problematizar, a partir do

que o autor apresenta, as diversas explicações dadas às crianças sobre o nascimento, num discurso pautado na preservação da inocência infantil, sendo os adultos ‘responsáveis’ por determinar o momento correto de as crianças saberem ‘a verdade’ sobre sexo e sexualidade. Dessa forma, há uma vigilância na sexualidade das crianças (suas ações, brincadeiras, curiosidades) bastante incentivada por muitas instituições escolares e famílias, sendo esse um assunto controlado. Como alerta Felipe, “a tentativa de dessexualizar as crianças é um fenômeno recente na história ocidental, pois até meados do século XVII meninos e meninas conviviam com o mundo adulto em todas as suas nuances” (2003:58).

Outro aspecto importante ligado ao gênero e à sexualidade é o fato de a personagem feminina trazer a ‘verdade’ de como se faz um filho e, além disso, tomar a iniciativa de convidar o urso a fazer um filhote. Ou seja, a fêmea é ativa e mantenedora de poder naquela situação, levando o macho (passivo e ingênuo) para reproduzirem. Esse movimento rompe com discursos que definem o macho/homem como aquele que irá direcionar a situação através de seu conhecimento e destreza viril. Nesse caso, o urso é quem deseja ter filhos (‘instinto paterno’?) e não a ursa quem demonstra o ‘desejo inerente ao seu gênero’.

Nesse livro, mais de um discurso sobre feminino e masculino atravessam essas representações. Ao mesmo tempo em que a ursa é inteligente e ‘possuidora’ da resposta da questão essencial do livro, ela também exerce um poder não só por esse saber, mas também por sua sensualidade. E o urso, por sua vez, demonstra em sua representação uma ruptura pelo seu desejo de ser um pai, de poder brincar com seu filhote. Nessa direção do desejo do homem em se tornar pai e vivenciar essa paternidade, mesmo que carregado de discursos como “que pai grande e forte ele seria”, encontramos esse deslocamento discursivo do pai demonstrar seu sentimento e desejo em construir sua paternidade.

CAMINHOS AINDA A PERCORRER

Este artigo propôs articular gênero, discurso e literatura, a fim de lançar alguns olhares acerca da paternidade, enfatizando seu caráter de fluidez e de provisoriade, e problematizando as representações paternas nas narrativas literárias. Não me propus, certamente, a descobrir um modo ‘mais certo’ de se representar a paternidade, tampouco de se experienciar essa identidade. Da mesma forma que não houve o interesse de analisar as ‘qualidades’ dos livros

reunidos. Relevantes foram as representações das identidades paternas, levando em consideração a idéia de representação como um sistema lingüístico e cultural arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder (SILVA, 2000).

Sob essa ótica, frente às possibilidades de identidades masculinas e paternas e a heterogeneidade de cada sujeito com suas diferentes identidades, foi significativo problematizar os processos de construções das mesmas a partir das representações contidas nos livros infanto-juvenis, sobretudo as construções masculinas e paternas. A Literatura Infanto-juvenil, por sua vez, é um dos muitos discursos que tentam, de uma forma ou de outra, dar conta das práticas sociais e identitárias, não abarcando, muitas vezes, as características provisórias, sem fronteiras fixas e heterogêneas das mesmas, neste caso, as identidades paternas e masculinas.

Por fim, para esses propósitos é importante que pensemos a literatura e a leitura que se faz dela como algo que “nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos” (LARROSA, 2002: 133). Desse modo, tais argumentações aqui levantadas nos levam a crer ser de extrema relevância a continuação de tal debate, a fim de ampliar o espaço de questionamentos e desconstruções, de problematizar as práticas discursivas e considerar outras construções em relação às identidades que o sujeito possui.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Elizabete Franco. Quem leva o nenê e a bolsa?: o masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito (orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed.34, 1998.

FELIPE, Jane. *Construindo identidades sexuais na Educação Infantil*. *Revista Páteo*. Porto Alegre, n.7, p. 56-58, nov.1998/jan.1999.

_____. Infância, gênero e sexualidade. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 25, nº.1 dez-jan/jul 2000.

_____. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GABRIEL, Alice. *Linguagem e gênero: literatura infantil no Brasil*. Disponível em <http://www.umaqualquer.cbj.net>. Acesso em 30/06/03.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa V. (org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação – uma estrutura pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVA, Tomaz . A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Rosa. Apresentação. In: SILVEIRA, Rosa H. (org.) *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H (org.). *Identidade social e construção do conhecimento*. Porto Alegre, PMPA, 1997.

UNBEHAUM, Sandra G. A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito. *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS, 1998.

Obras Analisadas

1. ABRAMOVICH, Fanny. *Pai que é mãe*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1993.
2. CASTRO, Ruy. *O pai que era mãe*. São Paulo, Companhia das letras, 2001.
3. ERLBRUCH, Wolf. *O urso que queria ser pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
4. WADDELL, Martin.. *Você não consegue dormir ursinho?* Tradução de Gilda de Aquinol. São Paulo: Brinque-Book, 1996.